

"Não ha direitos para o pobre; ao rico tudo é permitido" (A Internacional)



A NAÇÃO

ANNO II --- NUM. 292

Director: Leonidas de Rezende
Secretario: Adalberto Coelho
Gerente: Januario Pigliasco

Redacção e Administração
17, RUA 13 DE MAIO, 1.º and.
End. Tel.: NAÇÃO - Rio
Telephones: Director: C. 2159 - Redacção: C. 2150
Gerente: 2158

6.ª FEIRA
28
JANEIRO
1927

Aquelle que espera
ra uma revolução,
"puramente" social,
este não a verá nunca
chegar. Este é um
revolucionário con-
versa liada que não
compreende a verda-
deira revolução.

Lenine

Despedaçando os
- - idilos de barro!!!...

Mauricio contra Sebastião
Lacerda !!

Operarios e pequenos burguezes,
adquiri a consciencia da luta das
classes!

Toda a historia na-
cional está cheia de fal-
sos idilos e de idilos
de barro.

Nós, communistas,
membros do primeiro
e único partido do pro-
letariado, membros do
primeiro e único par-
tido internacional exis-
tente no Brasil, repre-
sentamos a realidade.
A dura, a amarga, a
terrivel realidade!...

Assim, é um dever
para nós despedaçarmos os idilos de barro,
destruirmos toda e qualquer illusão.

A illusão é um crime. E criminosos são
todos quantos illudem os operarios, os lavra-
dores, os soldados, os
marinheiros, os infer-
iores, os pequenos
burguezes...

Temos provado e
continuaremos a pro-
var, com a realidade
que Mauricio de La-
cerda é um idolo de
barro. Nenhum odio
nos move. Nenhuma
questão pessoal.

Pessoalmente, Mau-
riicio interessa mais
aos psychiatras. Po-
deremos provar isto a qualquer hora.

Aqui, limitamo-nos a encarar Mauricio
político.

Tudo fizemos para convencer Mauricio,
para levar Mauricio a ter convicções, a tomar
atitudes sérias, definidas.

Essa luta já vem de longe. Mais de 4 an-
nos... Sempre fechámos os olhos ás suas in-
numeraveis attitudes duplas. Não o combatia-
mos. Pelo contrario: o proletariado, duas ve-
zes, serviu de escada ao individualismo de
Mauricio: nas eleições para deputado em 1924

(Continua na 4.ª Página)

Coriolano de Goes continuador da obra de Fontoura

Tambem violento, tambem arbitrario e tambem
"papão" da verba secreta da polícia

O Supremo Tribunal Federal, em sessão de ante-
hontem, concedeu "habeas-corpus", unanimemente, a
varios infelizes deportados para a Clevelandia, já
depois de terminado o estado de sitio.

O ministro Viveiros, no momento de dar o seu
voto naquelle sentido, aproveitou a oportunidade
para protestar contra a praxe ultimamente seguida
pela polícia do Distrito Federal de tornar a região
do Oiapock em xadrez da 4^a delegacia auxiliar.

O Supremo Tribunal é uma especie de Tesou-
ra com que a burguesia apara os excessos inop-
portunos do Executivo e seus agentes.

Este caso dos deportados recentes para a Cle-
velandia, pretendida repetição "extra" da tragedia do
tempo bernardista, fornece-nos justa medida da
mentalidade reinante na polícia central.

A polícia existe e funciona como orgão de pro-
teção e defesa da lei. Theoricamente, a coisa é
assim. Mas na pratica a coisa é outra.

Não ha absolutamente nenhuma lei que per-
mita a deportação de quem quer que seja, dentro
do territorio nacional, sem a vigencia do estado de
sitio.

Fazendo a deportação, a polícia pulou — mais
uma vez — por cima da propria lei para cuja defesa
e proteção foi creada. O "habeas-corpus" concedido
pelo Supremo Tribunal não tem outra significação.

Mas o que sobretudo é interessante de observar

é que essas e outras "ilegalidades" commettidas pela
polícia são-no sempre contra gente pobre.

Quando uma empresa pertencente a grossos ca-
pitalistas provoca, pelo excesso de sua exploração e
opressão sobre os trabalhadores, movimento gré-
vista — que faz a polícia?

Protege os capitalistas provocadores do movi-
mento e persegue — prendendo e deportando ille-
galmente — os pobres operarios que recorrem á
greve para defender seu pão e sua liberdade.

A legalidade e a polícia... O thema forneceria
materia para interminaveis considerações. Mas bas-
tará registrar os factos para illustrar-o.

Ainda agora referem os jornaes que continua-
na polícia, o velho sistema da applicação irregular
e indebita de verbas, que aproveitam a certos func-
cionarios e protegidos.

A Chefatura distribuiu, pela imprensa, a este
propósito, uma nota, tentando explicar as coisas.

Mas a nota não explica cosa alguma; antes
confirma o que foi denunciado. E fertil em notas
explicativas foi o chefe Fontoura.

Mas um dia Azevedo Lima, em discurso memo-
ravel, desfez todas aquellas notas e esmagou, com o
peso de provas de facto insophismaveis, o chefe e
sua administração.

Quem sabe si Azevedo Lima não terá que repe-
rir a tarefa saneadora?

Mal pathologico

Nossos governos têm sido deshones-
tos desde o periodo colonial

Aqui levamos a clamar contra
a deshonestade dos governos. Ila-
ração para isso. Mas esse mal
é pathologico, é proprio do regi-
men burguez. Conhecem-o desde
o periodo colonial.

PERÍODO COLONIAL

E' sabido o estado em que
D. João VI deixou o Brasil. Seu
proprio filho, D. Pedro, o associ-
gou em casa quao logo após
d'água. Entao escrevia elle:

"O banco desacreditaram-no os
seus delapidadores que eram os
mesmos que o administravam...
De parte nenhuma venha nadar: to-
dos os establecimentos e repar-
tigões ficaram; os que comem da
natura são sem numero; o numero
do Thesouro é só o das raias
das províncias, e estas mes-
mas são pagas em papel... E assim
visto todo o exposto, haja por
bem dar-me um quasi repentivo reme-
dio para que eu me não venha
envergonhado, depois de me ter
sacrificado a ficar no meio de
ruínas e em tão desgraças como
arduous circunstancias em que fui
deixado esta província."

Excusado é dizer que D. João
VI não lhe deu aquelle remedio,
nem lho poderia dar, porque foi
elle quem principalmente concor-
reu a que aquelle resultado. Eis
o que em respeito ressou outro
documento daquella época:

"Como final de sua má adminis-
tração das finanças do Brasil,
o Sr. D. João ao se retirar em
1821, para assumir o governo de
Portugal, deixou aos seus leais e
amados subditos uma prova ines-
cavada da sua real e paternal
solicitude pelo seu bem-estar, es-
tendendo o Thesouro, o Banco e
até o Museu, levando consigo to-
do o artigo de valor, inclusive os
especimes de ouro e diamantes,
que, ha annos, pertenciam a esse
ultimo establecimento nacional."

PRIMEIRO IMPERIO

Depois vinha, no primeiro Imperio,
a igualmente essa malversation. Na
República, para evitá-la, ou me-
mor, para garantir a fragilidade
da administração, foi aprovada a
lei de 30 de Junho de 1882, pela
qual os governos são prohibidos
de receber qualquer donativo ou acelotis
para praticar ou deixar de praticar
algum acto, do officio contra
o segundo a lei; bem como re-
ceber qualquer recompensa por ter
praticado ou deixar de praticar
algum acto oficial".

Out, em linguagem mais ampla:
"Os membros do governo não
podem receber directa ou indire-
ctamente donativos, recompensas ou
presentes dos que despendem."

Entretanto, que tem aconteci-
do?

BERNARDES E EPITACIO

Tambem a regencia se caracte-
rizou pela malversation no empre-
gido dos imóveis publicos. A tal
onte, que não parecer de com-
um dos presentes dos que tinham re-
lações com o Thesouro, que elle
julgava mais acertado não publicar
nos jornaes a lista dos mes-
mos presentes.

Assim procedeu Bernardes,
aquele que falava em elevação
do carácter nacional.

Dias depois de Epitacio (o do

sacrifícios da nação, receando que
es fundos que se creassem fossem
desviados do seu verdadeiro
objecto e aplicados em pre-
juizo do povo e de suas garan-
tias."

SEGUNDO IMPERIO E REPUBLICA

No segundo Imperio, houve
igualmente essa malversation. Na
República, para evitá-la, ou me-
mor, para garantir a fragilidade
da administração, foi aprovada a
lei de 30 de Junho de 1882, pela
qual os governos são prohibidos
de receber qualquer donativo ou acelotis
para praticar ou deixar de praticar
algum acto, do officio contra
o segundo a lei; bem como re-
ceber qualquer recompensa por ter
praticado ou deixar de praticar
algum acto oficial".

Out, em linguagem mais ampla:

"Os membros do governo não
podem receber directa ou indire-
ctamente donativos, recompensas ou
presentes dos que despendem."

Entretanto, que tem aconteci-
do?

BERNARDES E EPITACIO

Ainda ultimamente, Bernardes
casava a filha e esta recebia tan-
tos presentes dos que tinham re-
lações com o Thesouro, que elle
julgava mais acertado não publicar
nos jornaes a lista dos mes-
mos presentes.

Assim procedeu Bernardes,
aquele que falava em elevação
do carácter nacional.

Dias depois de Epitacio (o do

colar) votar no Senado contra a
reforma monetaria de Washington
Luis, este informava á imprensa
que todos os objectos que lhe têm
sido offertados elle os manda re-
colher ao Archivo Publico.

Os "deuses" têm dessas vin-
gâncias.

Basta saber se daquelles ob-
jetos, todos realmente têm sido
aquele destino.

WASHINGTON

Mas não são deshonestos só os
governos que aceitam o que não
devem aceitar; são no igualmen-
te os que tiram de uns para dar
a outros, e principalmente os que
tiram de uns necessitados para dar
aos abastados.

E' de Washington Luis esta de-
claracão:

"Se no momento actual á nos-
sa moeda, em reis, sofrer uma de-
preciação de tres vezes, o que faz
parecer que as coisas aumenta-
ram de valor tres vezes, todos
recebam e paguem os reis tres
vezes aumentados."

Com essa reforma monetaria os
productores estão ganhando tres
vezes mais e o proletariado em
geral está ainda ganhando o mes-
mo que ganhava, e pagando pelo
que consome o triplo do que pa-
gava.

Não ha nenhuma providencia de
Washington Luis para que elle
passe a ganhar aquelle triplo, que elle
é o primeiro a reconhecer que
deve ser devido.

De modo que está tirando des-
tino para dar áquelles, em o num-
ero das quais se acha...

Esta sua honestidade.

E' viva a parca destas safa-
dissima democracia republicana!...

O4.º delegado auxiliar
fóra da legalidade!

A grande figura de João Cândido

De futuro o proletariado ha de render
áquelle bravo "almirante negro" sua gratidão

A situação dos marinheiros e soldados, em
todos os paizes cultos, é a que temos aqui far-
tamente exposto. Em todos esses paizes, elles
estão não de ras-
tro, mas de pé.

Por que, então, só
entre nós, os opera-
rios, os soldados e
marinheiros não hão
de ter voz activa, não
hão de ter direito a
reivindicações, não
hão de estar de pé,
mas de joelhos, não
como homens mas
como escravos?

Justificando a pro-
clamação da Repu-
blica, escrevia Deo-
doro:

"A preocupação
do antigo regimen
fóra sempre trazel-as (as classes militares)
jungidas á ignorância, reduzil-as a instrumen-
tos passivos, opprimil-as pelo sistema barba-
do terror, submettendo o soldado, revel ao de-
ver, a um sistema penal tyrranico; cumpria
ao governo republicano providenciar para que
o Codigo Penal Militar fosse organizado, tendo
em vista principalmente a justiça, que não pô-
de ser para o soldado a tortura ou a degrada-
ção social".

Mas, em 1910, reconhecia o almirante Ba-
ptista de Leão, que, se é exacto que o decreto
n. 3, de 16 de novembro de 1889, em seu art.

(Continua na 2.ª pagina)

A tragedia dos tecelões

DEVEM TODOS ENTRAR EM MASSA PARA A
UNIÃO DOS OPERARIOS EM FABRICAS DE
TECIDOS, TORNANDO-A UMA CIDADELA
DO PROLETARIADO

Em todos os nossos numero-
sos publicamos notas e arti-
culos dirigidos aos operarios e
aos operarias textis.

Eles constituem a maior
corporação do Brasil: são 140
mil trabalhadores concentra-
dos em algumas cidades.

Dahi, o interesse e a consi-
deração que merecem esses
companheiros.

FABRICA AURORA

Fernando D'Olne, o patrão,
prometeu, em 1925, um pre-
mio aos operarios que, em
1926, fizessem menos estopa.
E, até hoje, nada se sabe a
respecto.

Uns dizem que o dispêndio
de fio foi o mesmo. Outros
dizem que foi maior.

Dentro da fabrica ha um

botequim que explora os ope-
rarios.

FABRICA DE SEDAS, EM PIEDADE

Os operarios que falam com
um companheiro, por muito
porto que seja, paga 18 de-
multa.

As multas vão de 18 a 500,
sem o direito de os nossos
companheiros verem o defeito.

O patrão arranca creanças e
pôe-nas como aprendizes na
fabrica, com o fim de substituir
o adulto pela creanças.

FABRICA RIO DE JANEIRO

Os operarios são obrigados
a areiar as chapas. As la-
trinas vivem sujas. Toda quin-
zena ha falta de dinheiro nos
salários.

D

Despedaçando os - - - ídolos de barro!!!!

(Continuação da 1ª página)

e para intendente em 1926. Acalentavam sempre a esperança de velo definir-se. Cartas, jornaes, folhetos, livros, tudo fizemos. Seus dois irmãos, igualmente. Mas tudo em vão...

Seu irmão Paulo volta da Russia com os horizontes ainda mais rasgados e as convicções consolidadas. Preocupa-se com a transformação social mundial.

Em quanto isto, em que pensa Mauricio? — Na "autonomia" de Vassouras!

Autonomia? Então Vassouras vai constituir um país autônomo, uma república independente?

Autonomia de Vassouras! Livral-a dos fazendeiros bernardistas e sordistas para entregar-a aos fazendeiros nilistas! Livral-a de uma quadrilha de exploradores para entregar-a a outra quadrilha de barões feudais. Ahi está o amor de Mauricio por Vassouras!

Vassouras precisa da vassoura revolucionária e não do espanadorzinho de Mauricio...

Mauricio intitula-se o verdadeiro continuador da obra do honrado ministro Sebastião de Lacerda. E' falso. Não querendo entrar em particularidades, podemos afirmar e provar que os verdadeiros continuadores são Paulo e Fernando, e nunca Mauricio!

O ministro Sebastião de Lacerda dizia ao próprio Mauricio, relativamente à prisão dos filhos:

"Não me importa, meu filho, tanta miseria; continuaremos, pae e filhos, para a frente, sempre para a frente, sem transições ou submissões indignas".

Bellas e heroicas palavras — dignas de quem as proferiu!

Diz Sebastião de Lacerda:

— Mauricio, meu filho, para a frente!

E Mauricio vai para traz, collocando-se a reboque dos barões feudais de Campos e Vassouras! Em quanto Paulo e Fernando, os corações a sangrar e a embater nos pedregulhos, marcham para a frente, resolutamente, corajosamente!

Diz Sebastião de Lacerda:

— Mauricio, meu filho, sempre para a frente!

E Mauricio róla cada vez mais para traz. Lança o pequeno burguez revoltoso Prestes contra o operário revolucionário Pimenta. Põe-se ao lado dos nilistas que, em sua primeira reunião, em Nictheroy, votam uma moção de incondicional apoio a Washington Café — herdeiro e cumplice de Bernardes Café. E leva seu recuo ao ponto de fazer o jogo de Washington, num triplice renegamento. Mauricio renega: a) os princípios da revolução proletária de 1917 na Russia e de 1871 na França, representados, no Brasil, pelo Partido Comunista; b) os princípios da revolução pequeno-burgueza de 1848 na Alemanha, representados, no Brasil, pelos revoltosos de S. Paulo e seus aliados; c) os princípios da revolução francesa, os princípios de 1789 e 1793, os princípios da burgueza revolucionária do século XVIII. Mauricio volta ao faudalismo ou agracismo ou medievalismo — à idade média, à época mais bestial de toda a história da humanidade. Mauricio quer fazer o Brasil retroceder 474 anos. E' monstruoso!

E Paulo? E Fernando? Apoiam os princípios de 1789-1793 contra a bestialidade feudal; e sobrepujam esses princípios. Apoiam os princípios do nosso 1848; e sobrepujam-nos. E lutam pela Communa Vermelha, pelo nosso 1871, pelo 1917 brasileiro!

Diz Sebastião de Lacerda:

— Mauricio, meu filhinho, nada de transições indignas!

E Mauricio transige, com toda a burgueza. Só não transige comoscos!

Transige com o velho reacionário Nilo Peçanha, o fazendeiro, o barão feudal que nos arrastou à guerra ao lado dos banqueiros de Paris como Schneider, provocando prisões e perseguições aos trabalhadores que protestaram contra essa miseria, entre os quais vários redactores actuaes da A NAÇÃO. Transige com os fazendeiros de Vassouras, os usineiros de Campos, os agentes da delação como Agripino Azareto. Transige com os nilistas que vivem de quatro patas perante Washington Café. Só não transige com o proletariado!

E Paulo? E Fernando? Collocam-se no seu posto de honra: dentro do Partido Comunista — o partido que, durante 5 anos, sustentou uma luta mortal contra a polícia feudalista!

Diz Sebastião de Lacerda:

— Mauricio, meu filho, nenhuma submissão indigna!

E Mauricio, "bancando" a casta Suzanna, submette-se a tudo: — ás missas, ás "fitas" ao sol-pôr, quando batem os sinos, aos telegramas a Seabra, ás reuniões nilistas, aos banqueiros em Campos. Transforma-se em boneco da palha da burgueza, que o aproveita para os

A perversidade de Bernardes na Clevelandia

PARA ELLE, ERAM "DESOCUPADOS E MALFEITORES, DYNAMITEIROS, ANARCHISTAS, LADRÕES", ETC. OS QUE SE NÃO POSTAVAM A SEUS PESOS, NEM LHE ADMIRAVAM OS CONTORNOS

Mas os presos não tinham de sofrer apenas, mas massmoras infectas, imundas, verdadeiros tumulos de enterrados vivos em que foram nessa capital engerrados. Tinham ainda de ser desterrados, de ser relegados para as regiões inhômias do nosso paiz, para os confins do alto norte, para a colônia Clevelandia, nos seus limites com a Guyana Francesa, à margem do Oiapock, para os confins dessas grandes sorvedouros de vídua.

E foram, amontoados ás centenas nos portões infectos de calabouzeiros imundos do Lloyd. E foram acumulados em pilhas, nesses depósitos como fardos pesados e cargas grosseiras. E quando atingiam final da viagem, alquebrados, semi-mortos, eram serem entregues ás mortes das mesmas regiões.

Dahi os termos da carta, de um cidadão português, lida da tribuna do Senado, por Moniz Sodré:

Ele se achava no cubículo 59 da Delençao. Ali foi um grupo de soldados de balaclava calada buscal-o, conduzindo-o para o cais do Lloyd, onde se achava acostado o vapor "Commandante Vasconcelos", e elle introduziu nesse vaporinho de seguir para aquelle "Inferno verde", em meio aos maiores supplicios.

Seriam destituídos de fundamental os factos por elle relatados a Moniz Sodré?

Não. Bueno Brandão se incumbiu também dos confinados. Confirmava-os, lendo uma carta do capitão Jonaías Salathiel Dias da Rocha, sob cujo comando seguiram no mesmo vapor os presos em questão.

Naquelle documento, diz este capitão:

"Antes de mais, precisamos salientar as razões que induziram as autoridades a afastar desta Capital os individuos que levámos para a colônia Clevelandia naquelle viagem.

Exceptuando os ex-marinheiros, foram os demais nos apresentados por agentes de polícia, á hora do embarque, como "desocupados e malfeiteiros" — dynamiteiros, anarquistas, ladrões, batedores de carteira, etc. O autor da carta lida no Senado pelo referido Sr. Senador phantasiou-

Os marinheiros poderiam voltar-se a bordo. Era preciso cuidado com elles. Era preciso tratar os com consideração. Os outros eram a parte fraca; e os fracos devem desaparecer: porão com elles. Era a moral de Nietzsche e foi a do bernardismo.

Porí... Porão homicida, infecto, destinado á condução de cargas, e onde bastava o simples cheiro das carnes secas e dos feijões deteriorados para abalar profundamente a saúde dos desgraçados nesse encerrados e até mesmo determinar sua asphyxia lenta e cruentante.

Jonathas vai se revelando:

"Fizemos ainda distribuir pelos presos todos os colchões,



DATAS REVOLUCIONÁRIAS

28 de Janeiro:
1841 — Nasco em Wales H. W. Stanley, descobridor do Congo.
1871 — Capitulação de Paris.
1914 — Greve dos 400.000 trabalhadores em Berlim.
1915 — Nosos envia contra Bremen a divisão Gerstenberg, Bremen a divisão Geretsberg.
1925 — Greve dos ferroviários chineses na linha Changai-Nankim.

Adquiramos assinaturas!

Como auxílio ao nosso jornal, é preciso obter o maior numero possível de assinaturas. Com 10.000 se adquire uma assinatura de 3 meses. Com 20\$ se adquire uma assinatura de 6 meses.

A luta contra o capital precisa de capital!

COM OS CORREIOS

Ainda uma vez temos de pedir aos funcionários pobres dos Correios a maior vigilância na remessa da A NAÇÃO.

Não devem os chamados pequenos funcionários ser instrumentos, nem consentir que os funcionários de alta categoria pratiquem actos reacionários, que, de alguma forma, prejudiquem o unico jornal dos trabalhadores.

Trabalhadores somos todos nós, jornalistas, pequenos funcionários e operários e o nosso jornal é a nossa defesa contra a burgueza, o polvo sugador das energias do pobre, burgueza que mantém ou auxilia, por mil modos, todos os outros jornais.

Bichas e ventosas
Chamados a toda hora
Aplicam-se à
Rua Senador Ezequiel, 81

E Paulo? E Fernando? Realizam o que Goethe escrevia mas era incapaz de fazer:

"Nenhuma transacção: na integridade, na plenitude, na beleza, viver resolutamente" ... und im Ganzen, Vollen, Schonen, resolut zu leben.

Sim! O ministro Sebastião de Lacerda não está morto. Está vivo. Mais vivo do que nunca. Elle revive, lógica e dialecticamente, nos seus verdadeiros continuadores — na integridade, na plenitude e na beleza heroicas de Paulo e Fernando Paiva de Lacerda! E estes são grandes porque são comunistas — militantes do partido da Revolução Proletaria, soldados da Internacional Comunista no sector brasileiro da batalha social mundial!..

Uma mensagem dos generais Miguel Costa e Luiz Prestes aos revolucionários de Pernambuco

*

A seguir vai a conclusão dos motivos apresentados na mensagem dos generais acima mencionados, a qual publicamos:

k) entrar num regimen de rigorosa economia dos dinheiros públicos, a par de um efficiente auxilio á todas as forças económicas do paiz.

No mesmo manifesto convém lembrar que a Nação não poderá, dora avante, responsabilizar-se por empréstimos que venham a ser contrahidos pelo governo federal, o qual não representa mais a opinião nacional.

Esse manifesto, que pôde ser feito em nome do marechal Izidoro Dias Lopes e dr. Assis Brasil, pôde conter, além das assinaturas dos desempenhantes desta carta, as dos signatários.

XV — Os elementos revolucionários do Nordeste, precisam concorrer para as primeiras despesas da Revolução com todas as importâncias em diâmetro de que disponham, lançando mão até do próprio credito.

O nosso emissário, sr. Josias Leão, é portador da importância de dez contos de réis, quantia de que pode dispor a caixa da 1ª Divisão, actualmente operando nos Estados do Maranhão e Piauhy.

Certos de que, como revolucionários convictos que sois, saherais cumprir, em bem da causa santa da libertação do nosso povo, as determinações acima, felicitamo-vos por vosso ardor patriótico e coragem cívica, fazendo votos para que, no mais breve tempo, tenhaismos ao lado dos nossos heróicos soldados os bravos filhos do Leão do Norte, aliás já aqui representado pela bravura de João Alberto Lima de Barros.

General Miguel Costa,

Coronel Luiz Carlos Prestes.

Pela exposição de motivos e ideias, feita pelos dois chefes da Primeira Divisão Revolucionária, verifica-se que o actual movimento, embora tecendo na sombra, encaminha-se para objectivos que traduzem parcialmente as aspirações dos tempos novos. Rompe com velhos preconceitos e aceita, sem receios, o contacto com as novas idéias. Veja-se, por exemplo, na alínea:

c) permitindo a mais ampla propaganda de idéias sociais e comunistas, bem como a organização de sociedades e partidos operários sem a inibição e vexatória intervenção policial.

Significa, apenas, isto, que os chefes revolucionários não pretendem, de maneira sobre-modo ridícula, deter o avanço lógico, fatal, das idéias que traduzem uma necessidade social inadiável. Não dirão, cidadamente, que a questão social é uma simples questão de polícia e nem que, no Brasil, não existe questão social...

Na alínea i) dizem os chefes revolucionários: "desmascarar e castigar os desfratadores do patrimônio do povo". Eis aí, talvez, o principal motivo pelo qual até hoje não venceu ainda a revolução. Eis aí o motivo pelo qual Geraldo Rocha e outros industriais de seu estôfo andaram oferecendo fortunas pela cabeça dos chefes da revolução.

Como seria pitoresco atrair nas cidades depois de confiscadas as respectivas fortunas, esses politicistas que vivem das sangrias ao Tesouro Nacional! Diante de um programa energico como esse, os sangudos-sugas do erário público sentem verdadeiros calefrios.

Outro ponto em que os chefes revolucionários demonstram o seu radicalismo e em que ha — verdade — uma decisiva afinhada com os processos adoptados pelos revolucionários russos, é o que se refere aos empréstimos contrahidos pelo governo actual.

Dizem Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes: "A Nação não poderá, dora avante, responsabilizar-se por empréstimos que venham a ser contrahidos pelo governo federal, o qual não representa mais a opinião nacional..."

Tudo isso demonstra, apesar de que o movimento revolucionário representaria, em prol da diminuição das horas de trabalho nos estabelecimentos, a burguesia queria reduzir esses companheiros à situação de escravos. Pimenta defendeu-e e foi perseguido.

Por isto mesmo, por ser um devotado servidor da causa operária, Pimenta tem arrostrado com as maiores perseguições policias. Vítima dos maiores horrores...

Por seu devotamento aos nossos interesses de trabalhadores, Pimenta já foi preso nove vezes.

Primeira prisão — Oito dias, em Rio. O motivo: a campanha promovida pela "A Verdade", em prol da diminuição das horas de trabalho nos estabelecimentos.

Segunda prisão — Em 1912.

Terceira prisão — No Rio, Greve dos protestos contra os desmandos do cao de fila. Autelino Leal, nosso perseguidor.

Quarta prisão — Em 1917, no Rio. Combate á entrada do Brasil na guerra. Vinte e oito horas nas masmorras.

Quinta prisão — Vinte e quatro horas. Greve da Cantareira.

Sexta prisão — Sete dias, Novembro de 1918. Campanha contra as consequências da gripe: mal estar, fome.

Sétima prisão — Em São Paulo, Outubro de 1919. No fim de 31 dias de misérrima, Pimenta foi deportado para Santos, onde esteve preso com Righetti e Everardo Dahi. Dahi, foi deportado para Portalegre e impedida de desembarcar nos portos interiores.

Oitava prisão — Em 1921, no dia do casamento. Pimenta idiota, sem o menor motivo,

Pela maior divulgação de "A Nação"

Aos adherentes e sympathisantes do Partido Comunista, impõe-se um trabalho, que ninguém tem o direito de recusar.

Camaradas:

Como já se esperava, o nosso jornal sofre neste momento a guerra da imprensa burguesa, e que de um certo modo reflecte em boycott á divulgação da folha.

Estudada a situação pela vanguarda do Partido, ficou nomeada uma comissão com amplos poderes para promover, por todos os meios lícitos, a maior divulgação de A NAÇÃO.

Diversas medidas já estão sendo postas em prática nesse sentido.

Julgamos, porém, que, além de outras, a que apresentamos abaixo é a mais importante, desde que seja cumprida.

Precisamos aumentar ainda mais a tiragem de A NAÇÃO. Para isso cada adherente ou sympathizante deverá comprar todos os dias pelo menos 15 exemplares de A NAÇÃO, no ponto mais próximo, e vendê-los aos seus companheiros de serviço ou a seus vizinhos de moradia.

Não ha argumento nem motivo que justifique uma recusa a essa tarefa pelos comunistas.

E chegada a hora decisiva para que mobilizemos todas as nossas forças.

Já diversos camaradas estão praticando esse processo.

E' difícil arranjar pequenos vendedores. Precisamos ser nós os vendedores do nosso jornal.

Isto, provisoriamente, é claro.

A venda avulsa é também uma fonte de renda.

